

CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA
TEOLÓGICA INTEGRADA
*Homenagem a Alfonso García Rubio
em seus 90 anos*

Copyright © Waldecir Gonzaga e Lúcia Pedrosa-Pádua (Orgs.), 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Luiz Guimarães

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO

Luiz Guimarães

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS E REVISÃO

Bia Gross

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C191

Caminhos da Antropologia Teológica Integrada: homenagem a Alfonso García Rubio em seus 90 anos / organização Waldecir Gonzaga, Lúcia Pedrosa-Pádua. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024.

346 p. : il. ; 15,5x23cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-951-1

1. García Rubio, Alfonso, 1934-. 2. Antropologia teológica. I. Gonzaga, Waldecir. II. Pedrosa-Pádua, Lúcia.

24-91584

CDD: 233

CDU: 2-18

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br

Waldecir Gonzaga
Lúcia Pedrosa-Pádua
Organizadores

CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA
TEOLÓGICA INTEGRADA
*Homenagem a Alfonso García Rubio
em seus 90 anos*

LETRCAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Sumário

Prólogo	9
<i>Waldecir Gonzaga</i>	
<i>Lúcia Pedrosa-Pádua</i>	
Apresentação.....	11
<i>Dom Joel Portella Amado</i>	
Parte I. Caminhos integrados de uma vida	19
Breve memória biográfica	21
<i>Alfonso García Rubio</i>	
Um novo clima da teologia conciliar: Pe. Alfonso García Rubio Memória do Departamento de Teologia da PUC-Rio	26
<i>Mons. Gilson Silveira</i>	
Vida e atuação acadêmica do Prof. Dr. Pe. Alfonso García Rubio..	29
<i>Waldecir Gonzaga</i>	
Dimensão pastoral da reflexão teológica de Alfonso García Rubio...	43
<i>Solange Martins Jordão</i>	
Círculo do Rio: um legado acadêmico-pastoral de Alfonso García Rubio.....	61
<i>Lúcia Pedrosa-Pádua</i>	
<i>Celso Pinto Carias</i>	
<i>Maria Carmen Castanheira Avelar</i>	
Parte II. Caminhos da antropologia teológica integrada	75
1. Deus na Universidade	77
<i>Mario de França Miranda</i>	
2. Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da <i>Laudato Sí'</i> e Rm 2,28	94
<i>Waldecir Gonzaga</i>	
3. Antropologia teológica integrada e sua dimensão cósmica. Diálogos entre A. García Rubio e A. Gesché.....	114
<i>Lúcia Pedrosa-Pádua</i>	

4. Reino de Deus e discipulado hoje: uma Igreja em saída “Abre-te, vê e caminha”	137
<i>Marcos Antonio de Santana</i>	
5. Mujeres e Iglesia – Aportes desde la antropología feminista ...	161
<i>Olga Consuelo Vélez</i>	
6. Como a teologia de Alfonso García Rubio me ajudou na formulação do <i>principio pluralista</i>	181
<i>Claudio de Oliveira Ribeiro</i>	
7. Sexualidade e salvação: realidades opostas?	204
<i>Maria Joaquina Fernandes Pinto</i>	
8. Reflexões sobre o perdão: inspirações teológicas a partir de uma experiência vivida em sala de aula.....	226
<i>Marco Antonio G. Bonelli</i>	
9. No altar da vida: santidade é vocação de todos	247
<i>Maria Carmen Castanheira Avelar</i>	
10. Vida e morte: dois lados da mesma moeda.....	265
<i>Celso Pinto Carias</i>	
11. Uma Igreja em Kénose O lugar da humildade como condição para o diálogo com o pensamento evolucionista	281
<i>Ana Maria Tepedino</i>	
Parte III. Depoimentos	301
1. Décadas de dedicação ao ensino e ao despertar da fé de tantas pessoas e comunidades	302
<i>Dom Zanoni Demettino Castro</i>	
2. Caríssimo professor Pe. Dr. Alfonso García Rubio!	305
<i>Dom José Roberto Fortes Palau</i>	
3. El privilegio de contar con el Padre Alfonso García Rubio	307
<i>Fábio Antunes do Nascimento</i>	

4. Carta de agradecimento da Comunidade da Capela de São Pedro ao amigo especial Alfonso García Rubio	308
<i>Comunidade da Capela de São Pedro, por ocasião da Eucaristia em Ação de Graças pelos 90 anos do Pe. Alfonso</i>	
5. A importância de Pe. Alfonso na comunidade de São Pedro do Canal do Anil	311
<i>Isabel Maria Fernandes da Silva</i>	
6. Uma nova caminhada.....	313
<i>Sadi Herculano Filho</i>	
7. Alfonso García: um amigo indescritível e presença teológica no Povo de Deus	315
<i>Medoro de Oliveira Souza Neto</i>	
8. Testimonio sobre el Prof. Alfonso García Rubio	318
<i>Orlando Oscar Espín</i>	
9. Meu encontro com Alfonso García Rubio	321
<i>Cesar Kuzma</i>	
10. Uma estrela na minha vida.....	323
<i>Ivana Bartl</i>	
11. Ao mestre, toda a minha gratidão!	325
<i>Jari Furtado</i>	
12. O encontro que mudou minha vida	327
<i>Sonia Maria Marques de Souza Cosentino</i>	
13. Um grande amigo.....	330
<i>Lúcia Alcoforado</i>	
14. Alfonso García Rubio: humano integrado	332
<i>Bruno da Silveira Albuquerque</i>	
15. Mestre e comunicador, pastor, amava as gentes das comunidades	334
<i>Jonathan Bahia</i>	

16. García Rubio, o teólogo da antropologia de integração.....	337
<i>Júlio da Costa Santa Bárbara</i>	
17. Mais do que uma referência, uma inspiração.....	340
<i>Joel Sávio</i>	
18. O legado ecumênico da vida e obra de	
Alfonso García Rubio	342
<i>Carlos André Mariano de Oliveira</i>	

Prólogo

Com grande alegria o Departamento de Teologia vê sair à luz esta obra em homenagem ao Pe. Alfonso García Rubio, professor emérito da PUC-Rio, por ocasião dos seus 90 anos de idade.

Expressamos nossa gratidão a esse professor cuja ação foi muito importante na fundação do Departamento de Teologia da PUC-Rio (1968) e no reconhecimento da Faculdade Eclesiástica de Teologia da PUC-Rio – graduação e pós-graduação (1972). Atuou como professor e diretor do Departamento, criou grupos acadêmicos como o Círculo do Rio, contribuiu com a manutenção da elevada qualidade do curso de teologia. Incansável no trabalho de formação teológica em pequenos grupos e minicursos ministrados fora do espaço da Universidade. Tudo isso ao longo de mais de sessenta anos de dedicação à teologia, sempre articulada com o trabalho pastoral.

A grande contribuição teológico-pastoral do Pe. Alfonso García Rubio é difícil de ser sintetizada em poucas palavras. Leitores e leitoras poderão conhecer e saborear algo dela nas páginas deste livro. Os frutos da vida do Pe. Alfonso são visíveis em suas obras publicadas, algumas das quais se tornaram referência, especialmente nas áreas da Cristologia e da Antropologia Teológica – uma Antropologia Teológica integrada. Os frutos igualmente se manifestam no trabalho de milhares de pessoas que, de alguma forma, entraram em contato com ele. Cristãos e cristãs espalhados pelas comunidades de todo o Brasil, e mesmo fora dele, atuando em diversos ministérios eclesiais.

Este livro é apenas um sinal da contribuição do Pe. Alfonso García Rubio e da gratidão a este bem recebido.

Os organizadores:
Waldecir Gonzaga
Lúcia Pedrosa-Pádua

Apresentação

Apresentação de uma vida que dispensa apresentações

Falar de Alfonso García Rubio nos remete necessariamente ao final da década de 1950, período em que pelo menos três acontecimentos nos ajudam a entender a vida que, com esta obra, desejamos celebrar.

Em 1958, o jovem filho de El Berro, Espanha, era ordenado sacerdote. Um ano antes, em 1957, Karl Rahner indicava que a reflexão teológica de então, embora tivesse o ser humano entre os seus objetos de estudo, não possuía uma reflexão orgânica sobre ele. Em 1959, o jovem padre desembarcava no Rio de Janeiro, para colocar em prática o sonho de um ambiente cultural e eclesial aberto a novos horizontes. Alguns meses mais tarde, em janeiro de 1961, o papa João XXIII convocava um concílio para refletir sobre os caminhos da Igreja no mundo contemporâneo. É, portanto, de se perguntar ao próprio Alfonso García Rubio até que ponto ele tinha clareza de que sua vida, como homem, padre e teólogo, estaria ligada à confluência desses acontecimentos.

Convidado a vir para o Brasil, o jovem padre e teólogo aceitou a tarefa de fazer o Vaticano II conhecido e aplicado entre nós. Para isso, daria aulas no Seminário do Rio de Janeiro e prestaria ajuda teológica ao então arcebispo, cardeal Jaime de Barros Câmara. Era necessário estudar, ler, resumir, discernir e, é claro, preparar as aulas, para que elas não fossem apenas a reiteração teológica do que até então era refletido e repassado. Como narra em sua biografia, o jovem padre participa do salto de levar o curso de teologia das aulas no seminário arquidiocesano para a universidade, inserindo-o nas dinâmicas da convivialidade e da abertura à interdisciplinaridade. Não se tratava de perder a identidade da teologia, mas de vivê-la em diálogo com as interpelações daquele tempo e dos outros que viriam. Tampouco se tratava de apenas mudar o local das aulas de teologia. Como bem lembra Mons. Gilson Silveira em seu testemunho, era necessário dar uma resposta a um tempo “bastante convulsionado e interrogante”, tendo ao redor e à frente um contexto “bem mais plural”.

Com certeza, uma das maiores dificuldades, no campo da antropologia teológica, vinha do próprio Vaticano II, que não apresentou uma reflexão sistemática sobre o ser humano. A chave de interpretação, contudo, estava na *Gaudium et spes*, que, em seu número 22, fincava um princípio que marcou a vida pessoal e teológica de Alfonso García Rubio: “o mistério do ser humano só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado”. A cristologia, desse modo, se solidificava critério de discernimento para toda a teologia e chave de compreensão para a identidade do ser humano.

E, assim, se iniciou uma trajetória que ininterruptamente vem até nossos dias. O jovem padre e teólogo descobria cada vez mais a impossibilidade de pensar teologicamente Jesus Cristo se de tal reflexão não se tirassem consequências para o ser e o agir de homens e mulheres de nosso tempo. Descobria igualmente que o avanço na reflexão sobre o ser humano ajudava cada vez mais a compreender o mistério de Jesus Cristo, sem dualismos nem oposições.

Desse entroncamento, surgiria uma vida tão marcada pelo serviço à teologia, seu estudo e sua transmissão, que, embora visitando exaustivamente os buscadores mais conhecidos da internet, não encontramos uma biografia de Alfonso García Rubio, mas sim uma lista, uma longa lista, de seus livros e artigos. São, de fato, inúmeras publicações, principalmente nos campos da antropologia teológica e da cristologia, com destaque para a obra *Unidade na Pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, publicada em 1989, com muitas edições até hoje, sempre atualizadas pelo diligente teólogo. Quem de nós não se debruçou nessa obra fundamental para a antropologia teológica, alimentando-se intelectual, existencial e espiritualmente? Quantas e quantas pessoas, por esse Brasil afora e mesmo no exterior, não se deliciaram com a clareza teológica e com a metodologia temperada de humor, referindo-se a avós, umbigos e lenços, só para ficar aqui restrito aos famosos recursos pedagógicos, por certo, antropologicamente fundamentados? É impossível não reconhecer o esforço por transmitir o conhecimento acadêmico em linguagem pastoralmente acessível, como é o caso do livro *Elementos de Antropologia Teológica. Salvação cristã: salvos de quê e para quê?*, no qual, em formato de diálogo, nosso teólogo se apresenta como o Velho a conversar com amigos a respeito das inquietações antropológicas. Porque antropologia e cristologia se encontram e se iluminam mutuamente, o livro *O encontro*

com *Jesus Cristo vivo* recebeu inúmeras edições, alimentando cursos, retiros e, é claro, leituras pessoais.

Uma trajetória como essa nos leva a perguntar pelos motivos de tamanha importância dada à antropologia teológica, buscando entender em que sentido a reflexão de Alfonso García Rubio foi decisiva. Até o período pós-conciliar, como destacou Karl Rahner, a teologia falava sobre o ser humano afirmando a radical gratuidade do amor de Deus, a resposta humana marcada pelo pecado e a redenção em Jesus Cristo. Faltava, porém, a aplicação desse núcleo teológico às grandes questões humanas que, na segunda metade do século XX, tornavam-se cada vez mais agudas. Haverá ou não uma palavra da fé para a afetividade, o trabalho, as relações com a natureza, a sexualidade, a política e tantos outros aspectos?

Era, desse modo, necessário dialogar com as inquietações do tempo presente, estabelecendo pontes entre elas e os dados da fé, mostrando acima de tudo que a palavra da antropologia teológica, exatamente por ser antropológica, não fica restrita aos bancos de nossas faculdades de teologia, nem muito menos às nossas sacristias. Ao contrário, pensar e fazer antropologia teológica, assim como pensar e fazer teologia, é dialogar com o hoje de pessoas e povos, escutando suas alegrias e angústias, apontando luzes, ajudando a discernir caminhos. Afinal, “ninguém acende uma lâmpada para, em seguida, a colocar sob um caixote” (Mt 5,15).

O encontro do dado de fé com a indagação antropológica pode ser traduzido em uma expressão tão querida ao nosso homenageado: “subjetividade aberta”. Para além de todos os tempos e espaços, em meio à variedade de culturas, o princípio permanece: o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é chamado a estabelecer relações profundas, gratuitas e ininterruptas com os outros seres humanos, com a criação, consigo mesmo e com Deus. Criado à imagem e semelhança do Deus-Trindade, Deus-Amor, Deus-Relação, o ser humano, que recebe o dom de assim ser constituído, percebe-se diante da tarefa de avançar na história como uma subjetividade aberta, ou seja, amiga, fraterna, dialogal, relacional. É exatamente em razão do oposto, ou seja, da subjetividade fechada, autorreferencial, narcisística, ensimesmada, prepotente, que encontramos as mais variadas formas de agressão à vida, incluindo a vida do próprio planeta.

É por isso que aquele entroncamento histórico do final da década de 1950 não se tornou obsoleto, mas, ao contrário, se torna cada vez mais atualizado. Afinal, vivemos um tempo de “globalização da indiferença”,

como indicou o papa Francisco em 2013, na ilha mediterrânea de Lampedusa, expressão que ele depois consolidou em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG n. 54), uma espécie de bússola para a Igreja do nosso tempo.

De fato, celebramos os 90 anos de Alfonso García Rubio em um tempo repleto de perplexidades, um tempo em que há pobres, excluídos, marginalizados, vítimas da fome e da guerra, dos abusos de todo tipo, do aborto, da ganância e do satânico comércio de armas, drogas e pessoas; tempo em que experimentamos as sequelas da corrupção, das polarizações, do uso do nome de Deus como fonte de lucro e, enfim, tantas outras mazelas bem conhecidas nossas. O bom é que também experimentamos a alegria do encontro, a presença dos amigos, a fortaleza que vem de uma história de resiliência sobre resiliência, de esperança em esperança.

Quando há cerca de 30 anos, nosso homenageado ratificou seu caminhar pastoral com a comunidade S. Pedro do Anil, região periférica do bairro carioca de Jacarepaguá, encontrou uma pequena capela resistindo ao tempo e à fragilidade do terreno, apoiada em estacas de madeira e em uma comunidade afetuosa e batalhadora. Daquele encontro, surgiu não apenas um prédio bonito, acolhedor, preparado para a vida pastoral da igreja do pós-concílio, mas, acima de tudo, uma comunidade muito mais fortalecida exatamente na subjetividade aberta, relacional, fecunda, envolvente. Talvez alguém diga que os pobres não estão interessados em subjetividades abertas ou fechadas e que isso é coisa de gabinete teológico. Que tal pessoa visite a comunidade S. Pedro do Anil e entenda melhor os próprios pobres, a teologia e a antropologia.

Essa é a razão pela qual me alegro em cumprir a tarefa de apresentar esta obra. É, como sabemos, uma tarefa desnecessária, pois, afinal, a própria vida de Alfonso García Rubio é a sua melhor apresentação. Seus livros e artigos, a comunidade do Anil, as pessoas que participam de seus cursos e assessorias, bem como as pessoas que deixam neste livro seus testemunhos e suas reflexões, todas, é claro, aprendidas com o homenageado, são a melhor apresentação.

Este livro contém um relato biográfico, reflexões exatamente sobre a antropologia integrada e testemunhos de pessoas para quem a presença de Alfonso García Rubio, como amigo e mestre, foi decisiva. São, como saborearemos, textos que articulam mente e coração, fala agradecida com estilo de pesquisa acadêmica, amizade e discipulado.

Solange Jordão nos ajuda a fazer a passagem do relato biográfico que nosso homenageado nos apresenta. Em seu texto, a autora indica, por exemplo, as diversas facetas que aquele sonho tão alimentado e fortalecido na década de 1950 acabou por gerar: aulas, cursos, retiros, comunidade, formação e incontáveis amizades. Seu relato abre portas para os demais textos, todos marcados pelo fio condutor desta obra: o legado antropológico e por isso mesmo acadêmico e existencial de Alfonso García Rubio.

É um legado com pelo menos duas características: a pesquisa e a convivialidade. É fato que pesquisar, fazer ciência possui alguns momentos de solidão no sentido de que o pesquisador e a pesquisadora são convocados a se debruçarem sobre seus objetos de estudo para discernir caminhos e identificar conclusões. Mas esta é apenas uma etapa, pois, em rígidos termos antropológicos, o autêntico saber sempre impulsiona ao encontro, ao diálogo, ao convívio.

Por isso, Celso Pinto Carias, Lúcia Pedrosa-Pádua e Maria Carmen Avelar apresentam o Círculo do Rio como experiência relevante, capaz de permitir a permanência no estudo e, até quando foi possível, na produção acadêmica em comum. Será muito interessante comparar o relato sobre o Círculo do Rio com as vivências da Comunidade do Anil, com seus retiros, suas reuniões quinzenais e seus processos de discernimento. É a mesma circularidade antropológica a ocorrer em contextos diferentes. É a certeza de que a antropologia teológica ensinada por Alfonso García Rubio não se restringe a um aspecto da vida nem a um ambiente sociocultural. Por ser antropologia, é humana e diz respeito a todos e todas.

Essa é a linha de continuidade com a qual acolhemos o texto de Lúcia Pedrosa-Pádua, que nos recorda o caráter indispensável da conexão entre o estritamente humano e o restante da criação. Ao nos recordar o aspecto ecológico da antropologia de nosso homenageado, a autora mantém abertos nossos horizontes para as relações entre o ser humano, a natureza, a história, a filosofia e as novas ciências. A partir de seu texto, reconhecemos a importância de nos indagarmos se as diversas crises especificamente ligadas a cada um dos aspectos destacados não são, na verdade, todas elas crises antropológicas, facetas de uma única e grande crise antropológica própria de mudanças de época como a vivida atualmente.

Por tudo isso, há de se pensar que o caminho pastoral para uma antropologia que se queira verdadeiramente integral é o que Marcos Antônio Santana, em seu texto, recorda, a partir do papa Francisco, com a expres-

são “Igreja em saída”. Se há um dado indispensável a se pensar a respeito do ser humano e de toda a ação evangelizadora, esse dado é a *alteridade*. Na medida em que o ser humano foi criado pela e para a Alteridade Radical, não há como pensar a ação evangelizadora se não for em chave de alteridade, superando as propostas de vida e pastoral marcadas pela autorreferencialidade, contemplação do “próprio umbigo”, como nosso homenageado insiste em detalhar ao longo de suas aulas e palestras.

É por isso que, em seu texto, Maria Joaquina Fernandes nos recorda o sentido autêntico de sexualidade como impulso ao encontro interpessoal profundo e gratuito. Ser Igreja em saída é trabalhar por uma nova ordem amorosa, como condição irrenunciável para qualquer projeto que se queira humano e global.

Na medida em que somos capazes de concretizar o encontro interpessoal, experimentamos o fecundo esvaziamento do nosso eu, não, porém, como negação de nós mesmos, mas como condição para o encontro que realiza, fortalece o sentido e abre para o mais além. É um esvaziamento para o encontro. É um abrir espaço a ser preenchido pela presença do outro, da outra, dos outros, das outras, do Outro Radical. Isso acontece, bem sabemos, até o último suspiro, quando então seremos acolhidos pela Alteridade que nos criou à sua imagem e semelhança. Foi isso que Ana Maria Tepedino sonhou, viveu, ensinou, transmitiu e hoje, na saudade, continua a fazê-lo.

A lembrança saudosa de Ana Maria Tepedino nos coloca diante do desafio da morte, enfrentado no artigo de Celso Pinto Carias. À luz da articulação entre antropologia e escatologia, o autor nos recorda que, dentre as questões mais humanas, a morte é inegavelmente uma delas, cabendo à ação evangelizadora o desafio de transformar o pavor diante de um monstro desconcertante em fascínio pelo encontro com o Outro Radical, fonte e meta de toda alteridade.

Por certo, não é fácil viver a alteridade. Conhecemos por experiência própria os desafios e entraves a serem vencidos, a começar por nossa própria ambiguidade. O texto de Olga Consuelo, ao refletir sobre a mulher e sua missão na Igreja recorda a dimensão dos desafios, tão agudos nesses tempos de sinodalidade. O importante, porém, nos recorda Cláudio de Oliveira Ribeiro, é a manutenção do diálogo com o mundo que aí está, buscando manter viva a relação entre teologia e pastoral, superando dualismos (nunca é demais recordar!!!), em busca de uma

espiritualidade que seja integrada e integradora. Nosso tempo põe às claras a pluralidade de situações, visões e possibilidades de existência. Importa, como intitulado na obra maior de nosso homenageado, viver sempre a “unidade na pluralidade”.

É isso que os diversos testemunhos ratificam. Eles são expressões que emergem do discipulado que se tornou admiração, que se tornou amizade. O professor cativante, o padre preocupado com o crescimento de cada pessoa, o pedagogo em sala de aula e na missa falou às mentes e aos corações de líderes comunitários e executivos. Tem falado a padres, bispos e pastores, a homens afastados da vida de fé e a mulheres que, no convívio, se descobriram transformadas pela fé. “Viver é, por essência, aventurar” nos diz um dos testemunhos. E aventurar não é um ato a esmo, mas, ao contrário, possui uma direção bem específica: a da alteridade. Afinal, alteridade não tem limites. Se não é radicalmente aberta ao encontro intersubjetivo, é falácia, ainda que os discursos sobre ela possam até primar pela eloquência. Essa é a razão de, junto a textos de vertente mais acadêmica, encontrarmos também testemunhos. O que os textos explicam os testemunhos ratificam e vice-versa.

E, se, ao final da leitura, alguém se esquecer do legado especificamente acadêmico de Alfonso García Rubio, os artigos de Waldecir Gonzaga e Mario de França Miranda nos recolocam no eixo de toda essa obra. O primeiro artigo, baseado especificamente na Plataforma Lattes, apresenta o que podemos chamar de currículo oficial do nosso homenageado. Como sabemos, a Plataforma Lattes é um sistema utilizado no Brasil para o registro e a divulgação de informações sobre atividades acadêmicas e científicas de pesquisadores, professores, estudantes de pós-graduação e instituições de pesquisa. Alimentada por cada pesquisador, esta Plataforma é o instrumento oficial para a compreensão da vida acadêmica em nossos países.

No caso de nosso homenageado, os números impressionam, ainda que, nas palavras de Mario de França Miranda, a tarefa confiada aos teólogos que labutam na universidade seja “enorme, complexa e difícil”. Isso acontece porque não se trata de pensar a teologia voltada apenas para si mesma. Possuidora de uma identidade científica própria, a teologia, no entanto, não resiste por muito tempo se caminha pelas sendas da autocontemplação. Para ser efetivamente teologia, precisa ser um discurso sobre Deus enquanto Ele se revela na história da salvação, en-

quanto, recorda Mario de França Miranda, é “Deus voltado para nós”. Por isso, é tão importante que a teologia esteja na universidade, em diálogo ininterrupto com os demais ramos do saber, buscando contínuas pontes entre a fé e a razão, entre a especificidade e as interpelações cotidianas de pessoas, grupos e povos, ou seja, teologia em chave de alteridade.

Por tudo isso, estamos diante de uma obra que, antes de ser acadêmica em sentido estrito do termo, é biográfica. Pergunto-me, entretanto, se podemos realmente distanciar tanto academia de biografia sem cair no dualismo tão criticado por nosso homenageado. Não deve a academia se preocupar com tudo que diz respeito à vida de pessoas e povos? Não é exatamente da vida que a academia tira sua seiva, a qual, alimentada pela graça de Deus, produz incontáveis frutos?

São textos diferentes nos enfoques e no estilo. E não poderia ser de outra maneira. Afinal, são um convite para olharmos, a partir da vida e da obra de Alfonso García Rubio, a beleza do encontro interpessoal com a criação e, mais ainda, com o Outro Radical. A leitura dos artigos pode ser feita obedecendo à sequência com que estão dispostos ao longo do livro ou realizada de modo aleatório, pois em cada artigo, ainda que de forma diferente, é possível encontrar a presença antropológica de nosso homenageado.

Em tempos de *alterofobia*, como nos lembra o texto-base da Campanha da Fraternidade deste ano, campanha que é expressão de uma Igreja altamente comprometida com a vida e as dores de todas as pessoas, o texto que aqui nos é oferecido se apresenta como uma grande chance para ratificarmos em nós, em nossas comunidades e na sociedade como um todo que vale a pena sair de si e migrar rumo ao encontro com as outras pessoas, cada uma das quais imagem e semelhança do Deus-Amor.

Dom Joel Portella Amado
Bispo Diocesano de Petrópolis

PARTE I
Caminhos integrados de uma vida

Breve memória biográfica

Alfonso García Rubio¹

Começarei com alguns dados biográficos. Nasci em 1934, numa aldeia – El Berro – situada na encosta de um morro que faz parte do maciço de Sierra Espuña (Alhama de Murcia – Espanha). Meus pais, Miguel e Adoración, moravam, na ocasião, em Madri, mas decidiram que para o meu nascimento o melhor era trasladar-se para a casa dos avós maternos (e paternos) residentes em El Berro. Ainda bebê fui levado para Madri, onde ficamos pouco tempo, pois logo estourou a trágica Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O apartamento em que moravam foi destruído pelos bombardeios e meus pais, com minha irmã Josefina e eu, nos refugiamos na casa dos avós, na montanha.

Finalizada a guerra, fomos morar perto da cidade de Orihuela (Alicante), num pequeno distrito chamado Hurchillo. É lá que fui iniciado nas primeiras letras e na catequese infantil. Com sete anos de idade, fiz a Primeira Eucaristia. Reconheço que não foi uma experiência marcante. Acho que era criança demais (7 anos) para perceber o significado do sacramento.

Na opinião do meu pai, e na minha também, o professor da escola pública de Hurchillo não era grande coisa como docente. E, assim, meu pai procurou matricular-me em outro distrito próximo chamado Arneva, a um quilômetro e meio de distância. De fato, o professor da escola em Arneva, de nome Rogelio, era um excelente educador. Foi ele quem me ajudou no desenvolvimento do meu gosto pela leitura e pela procura do conhecimento, em geral. A estrada que unia Hurchillo a Arneva, de um quilômetro e meio, era de terra naquele tempo. Toda manhã, de segunda a sexta, percorria, alegremente, a distância entre os dois distritos, carregando numa mochilinha o livro e os cadernos, bem como a merenda-almoço. Digo alegremente porque eu gostava muito da escola. O período era integral e a escola não tinha como oferecer a alimentação dos alunos. Eram tempos difíceis, no imediato pós-guerra.

¹ Nota dos organizadores: texto extraído da Introdução à obra *A caminho do futuro – Um itinerário teológico-pastoral na Igreja do Brasil*, de Alfonso García Rubio, ainda não publicada quando da edição deste livro em sua homenagem.